

Vida em família e institucionalização em um contexto de envelhecimento populacional – o caso do México

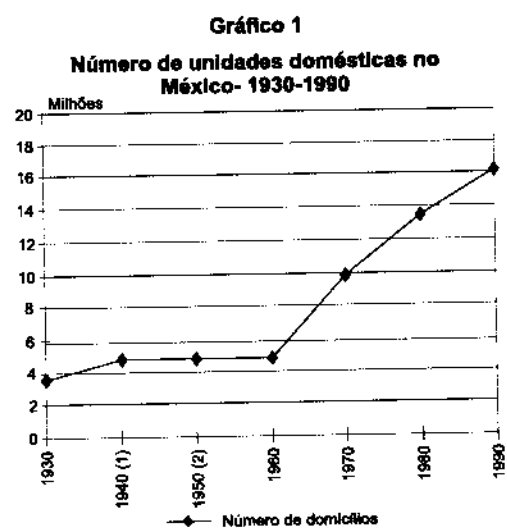
Maria Cristina Gomes da Conceição*

Neste artigo, analisa-se a distribuição, estrutura e composição das unidades domésticas¹ e instituições mexicanas onde residem indivíduos maiores de 60 anos de idade. Os domicílios particulares são definidos como unidades domésticas e os domicílios coletivos, como instituições. Compara-se a distribuição da população da terceira idade com o total da população, tanto de um ponto de vista agregado como dentro do âmbito familiar. Nas unidades domésticas ganha destaque a análise do status do idoso, sua condição de chefe, seu grau de parentesco com o chefe e sua condição de receptor de renda. São analisadas também algumas características socioeconômicas dos idosos institucionalizados. Conclui-se que a dinâmica demográfica se articula com as mudanças observadas na composição e estrutura das unidades domésticas, em especial daquelas em que estão presentes indivíduos de idades avançadas.

O conjunto da população mexicana e as unidades domésticas

No México, o número total de unidades domésticas tem aumentado progressivamente. Entretanto, o maior crescimento observa-se

entre 1960 e 1970, isto é, durante a etapa da transição demográfica em que a fecundidade ainda não começava a declinar, mas a mortalidade já havia apresentado grandes diminuições (Gráfico 1).



Fontes: López e Izazola (1994) e 6º Censo de Población – México, 1940.

(1) Dados do 6º Censo de Población - México, 1940. (2) Cálculos próprios: interpolação entre dados de 1930, 1940 e 1960.

* Doutoranda em População, El Colegio de México.

¹ Na área demográfica, a análise relativa à reprodução social aplicada ao âmbito familiar adota o conceito de "unidade doméstica", compreendido como um conjunto de indivíduos que compartilham a mesma unidade residencial e que articulam uma economia comum. O conceito de "unidade doméstica" baseia-se em três critérios: locacional (o grupo de indivíduos que dorme habitualmente sob o mesmo teto), funcional (compartem certo número de atividades) e parentesco (relacionam-se por laços de sangue ou matrimônio). Os dois primeiros critérios são universais, mas o último geralmente não, porque podem co-residir hóspedes, empregados, entre outros, sem vínculo de parentesco com os demais membros da unidade doméstica (Laslett e Wall, 1972).

Entre 1970 e 1990, a variação relativa do número de unidades domésticas foi maior que a da população domiciliar (69,7% e 65,8%, respectivamente). Este aumento relativo foi mais característico das unidades domésticas urbanas (López e Izazola, 1994).

Em 1990, a população mexicana domiciliar concentrava-se principalmente nas unidades domésticas do tipo nuclear (73,9%),² seguidas pelo tipo ampliado (21,5%),³ e somente 3% residia no tipo composto.⁴ As unidades domésticas unipessoais⁵ representavam 1% do total da população domiciliar. Entretanto, observam-se mudanças na distribuição dos tipos de unidades domésticas, em especial um incremento importante das unidades domésticas unipessoais e das unidades domésticas não-nucleares,⁶ devido ao aumento do peso relativo de indivíduos com outros parentescos distintos de filhos ou cônjuge do chefe (isto é, outros parentes agregados ao núcleo), e também de indivíduos considerados "sem parentesco" com o chefe do núcleo.

O ciclo de vida familiar define padrões diferenciados para esta evolução: por um lado, observa-se um crescimento das unidades domésticas nucleares quando elas são chefiadas por indivíduos de 30 a 39 anos de idade; por outro lado, observa-se um aumento no número de unidades domésticas

não-nucleares quando os chefes são maiores de 60 anos de idade (López e Izazola, 1994). Este fato está associado com os aumentos progressivos na esperança de vida e com a possibilidade de convivência de diversas gerações até as idades avançadas. O tamanho, distribuição, composição e estrutura das unidades domésticas são dimensões que estão necessariamente condicionadas pela disponibilidade demográfica de parentes. Como atualmente a maioria dos indivíduos sobrevive até as idades avançadas, aumenta a disponibilidade de indivíduos envelhecidos que sobrevivem até a saída do seu último filho da unidade doméstica e até o nascimento de seus netos. Como resultado, criam-se novas etapas no ciclo de vida familiar: um período de vida como casal idoso e um período de viuvez. A vida como casal idoso começa depois que todos os filhos saem da unidade doméstica paterna e termina com a morte de um dos cônjuges idosos. O último período, de sobrevivência do ancião viúvo ou divorciado, começa com a ruptura de sua união e termina com a sua morte (Young, 1987). A este novo fato demográfico somam-se as mudanças de comportamento, especialmente em relação à nupcialidade, como o aumento, ainda pequeno, mas sustentado, das rupturas de uniões devidas ao aumento de divórcios e separações e ao regresso dos filhos não solteiros ao domicílio paterno.

² O domicílio do tipo nuclear origina-se do conceito de "núcleo" familiar, que define como unidade doméstica o grupo formado por um único casal com ou sem filhos (núcleo biparental), ou então por um único cônjuge com filhos (núcleo monoparental).

³ O tipo ampliado ou extenso constitui-se por um núcleo ao qual se agregam um ou mais indivíduos que mantêm laços de sangue ou matrimônio com a pessoa responsável pelo núcleo (irmãos, netos, genros, noras, cunhados, etc.).

⁴ O tipo composto constitui-se por mais de um núcleo conjugal.

⁵ O tipo unipessoal constitui-se por um único indivíduo, sendo por isso considerado um arranjo "não familiar".

⁶ É importante observar que os censos e as Pesquisas de Orçamento Familiar (ENIGHs) mexicanos consideram todos os filhos presentes na família como filhos de uma unidade doméstica nuclear, independente da sua idade ou do seu estado civil ou condição econômica. Com este procedimento, não se toma em conta a ruptura de uniões dos filhos adultos. Quando estes regressam ao núcleo familiar de seus pais, continuam sendo considerados filhos, como os menores de idade. De acordo com este procedimento, a porcentagem de famílias nucleares parece ser de 74%. Entretanto, quando se identificam os filhos separados ou divorciados como "outro parente", a unidade doméstica de seus pais deixa de ser considerada "nuclear" e passa a ser considerada "ampliada". Neste caso, o tipo nuclear reduz-se de 74% a 60% do total. Ao adotar este critério, ganha sentido a afirmação de que no México, nas duas últimas décadas, as unidades domésticas nucleares estariam diminuindo, enquanto se incrementam as proporções de unidades domésticas ampliadas (Barajas e Izazola, 1994).

Para uma melhor aproximação destes fatos, utilizei-me de dados de dois quadros da *Monografia censal* produzida por López e Izazola (1994), cada um deles de acordo com um critério de classificação dos filhos residentes na unidade doméstica. Na tabela 1 das autoras (Domicílio 1, Rural 1, Urbano 1) considera-se que todos os filhos, independentemente do seu estado civil, são parte do núcleo paterno. A tabela 2 (Domicílio 2, Rural 2, Urbano 2) considera que os filhos separados, divorciados ou viúvos que residem com os pais compõem outro núcleo e classifica estas unidades domésticas como ampliadas. Na tabela seguinte (tabela 1) os dados são desagregados em termos relativos, segundo a área de residência – rural ou urbana – e por tipo de domicílio.

Em relação ao peso relativo, no caso dos tipos nucleares biparentais e monoparentais com filhos (NBCH e NMCH), qualquer que seja o critério adotado para os filhos presentes, estes correspondem a mais da metade – 50% a 70% – de todas as unidades domésticas.

Entretanto, o segundo lugar de importância depende do critério utilizado: podem ser mais importantes as unidades domésticas biparentais sem filhos (entre 6,4% e 7,5%), as unipessoais (4,9%) e as ampliadas biparentais com descendentes (4,4% a 4,9%). A seguir, vêm as ampliadas monoparentais com descendentes.

Mas, de acordo com o segundo critério, quando os filhos não-solteiros são classificados

Tabela 1
Unidades domésticas, com indicação dos critérios de classificação dos filhos não-solteiros, por situação do domicílio - 1990

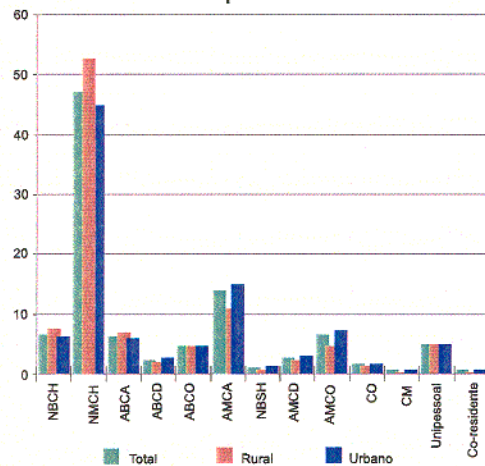
Especificação	Filhos que pertencem ao núcleo paterno			Filhos que compõem outro núcleo		
	Domicílio 1	Rural 1	Urbano 1	Domicílio 2	Rural 2	Urbano 2
Total	99,0	99,5	99,1	99,2	99,3	99,3
NBSH						
Nuclear biparental sem filhos	6,7	7,5	6,4	6,7	7,5	6,4
NBCH						
Nuclear biparental com filhos	57,2	61,6	55,7	47,1	52,9	45,0
NMCH						
Nuclear monoparental com filhos	10,6	10,4	10,7	6,3	7,0	6,0
ABCA						
Ampliado biparental com ascendentes	2,4	1,9	2,6	2,4	1,9	2,6
ABCD						
Ampliado biparental com descendentes	4,5	4,9	4,4	4,5	4,7	4,6
ABCO						
Ampliado biparental com outros	3,7	2,3	4,3	14,0	11,0	14,9
AMCA						
Ampliado monoparental com ascendentes	1,1	0,6	1,3	1,1	0,6	1,3
AMCD						
Ampliado monoparental com descendentes	2,8	2,2	3,1	2,8	2,2	3,1
AMCO						
Ampliado monoparental com outros	2,3	1,1	2,7	6,6	4,6	7,3
CO						
Composto biparental	1,6	1,4	1,7	1,6	1,4	1,6
CM						
Composto monoparental	0,7	0,4	0,7	0,7	0,4	0,8
Unipessoal	4,9	4,9	4,9	4,9	4,8	4,9
Co-residente	0,5	0,3	0,6	0,5	0,3	0,6

Fonte: Barajas e Izazola, 1994.

como "outros parentes" do chefe, incrementa-se a porcentagem dos tipos ampliados (com outros parentes). Neste caso, os tipos ampliados bi e monoparentais com presença de outros parentes conseguem alcançar 20% do total, somando 2,3 milhões de unidades domésticas. Em termos relativos, o total deste tipo de unidade doméstica multiplica-se mais de três vezes com este procedimento, sendo maior o seu incremento nas áreas rurais, onde se quadruplica seu peso relativo. A simples presença de filhos separados, divorciados ou viúvos indica que estas são unidades domésticas que já alcançaram as etapas avançadas do ciclo de vida familiar.

Portanto, do ponto de vista da acumulação de gerações derivada do processo de envelhecimento populacional, é importante distinguir estas unidades domésticas. O Gráfico 2 permite observar de que forma os tipos ampliados, tanto biparentais como monoparentais, com outros parentes (ABCO e AMCO), ganham grande importância segundo este critério.

Gráfico 2
Distribuição de tipos de unidades domésticas, separando os filhos não-solteiros dos outros parentes - 1990



Fonte: Tabulaciones Especiais, Lopes e Izazola (1994).

Já é conhecido o fato de que o México apresenta pequenas mudanças na estrutura de suas unidades domésticas. Por exemplo, ao comparar trabalhos que analisam os censos e

as diversas pesquisas mexicanas, Tuirán (1993) mostra que durante o período de 1970-87 houve uma tendência ao incremento do peso relativo dos tipos não-nucleares: um aparente processo de desnuclearização, marcado no período de 1970-76, mas a partir daí apenas com pequenos aumentos (tabela 2).

A tendência ao incremento do número de domicílios ampliados no México aparece especialmente na década de 80, anos de

Tabela 2
Distribuição da população, por tipos de unidades domésticas - 1976/1990

Tipos de unidades domiciliares	Distribuição da população (%)			
	1976	1982	1987	1990 (1)
Nuclear	71,0	68,8	68,4	60,1
Casal sem filhos	6,1	5,5	6,4	6,7
Casal com filhos solteiros	58,1	56,3	55,2	-
Chefe com filhos solteiros	6,8	7,0	6,8	-
Ampliada	22,7	26,5	25,1	33,8
Casal sem filhos e outros parentes	1,4	1,8	1,6	-
Casal com filhos solteiros e outros parentes	13,3	17,1	15,9	-
Chefe com filhos solteiros e outros parentes	5,2	5,1	4,4	-
Chefe com outros parentes	2,8	2,5	3,2	2,7
Composta	1,5	0,8	1,1	0,7
Unipessoal	4,2	3,5	4,2	4,9
Co-residente	0,6	0,4	0,6	0,5

Fonte: Tuirán, 1993.

(1) Reuniu-se aos dados de Tuirán os resultados de López e Izazola, 1994, ao utilizar-se o critério 2, separando filhos adultos não-solteiros.

crise econômica, e sugere que este recurso seja utilizado com frequência pelas unidades domésticas neste país. Por exemplo, em 1976, o México apresentava proporções bastante maiores de domicílios extensos, que eram 50% mais frequentes que a proporção observada no Brasil (15% do total de unidades domésticas, segundo Goldani, 1983). Ao contrário, os tipos compostos e unipessoais apresentavam-se em menores proporções no México, comparado ao Brasil (4,4% e 4,8%, respectivamente). A princípio,

estes dados parecem indicar uma maior preferência dos mexicanos pela vida em unidades domésticas nucleares e extensas; entretanto, neste país as opções não se diversificam pelos outros tipos de arranjos, como os unipessoais, compostos ou co-residentes. Mesmo que os tipos nucleares ainda sejam os preferidos, eles declinam em importância em favor exclusivamente dos tipos extensos. Portanto, no México, a opção de viver "em família" é quase absoluta. Por exemplo, se compararmos a opção de viver fora da família, no México, os tipos compostos e unipessoais nunca ultrapassaram 6% dos casos, mesmo nos anos 90.

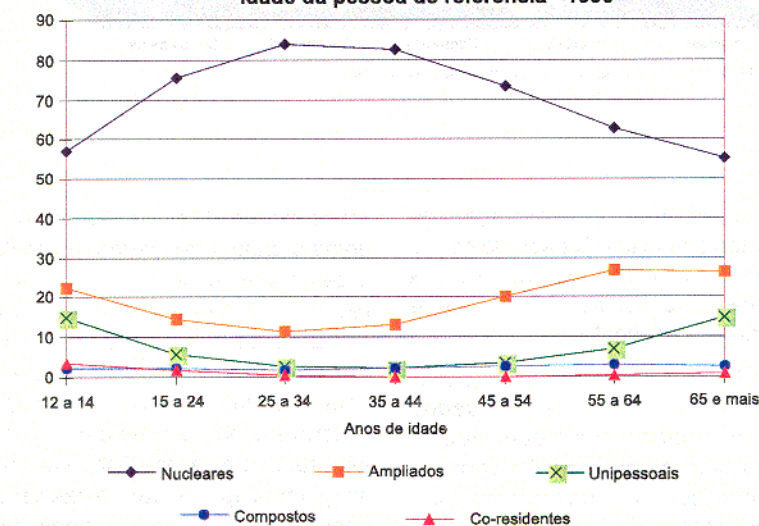
A preferência pelos arranjos familiares no México sugere que a unidade doméstica ampliada seja um recurso ou uma opção mais utilizada como suporte pelos outros parentes do chefe, externos ao núcleo conjugal. A distribuição deste tipo de unidade doméstica pelas idades dos seus membros contribuiria para esclarecer em que etapas do curso de vida as unidades domésticas familiares são freqüentemente utilizadas como suporte de residência.

Além disso, a idade do chefe do domicílio também é uma forma de aproximação da etapa do ciclo de vida familiar por que passa a unidade doméstica. Ao se traçar a distribuição dos tipos de unidades domésticas de acordo com a idade do chefe, observa-se mais claramente que, enquanto os tipos nucleares são mais freqüentes entre os 25-44 anos, os ampliados e unipessoais ganham importância nas idades avançadas. Enquanto os tipos ampliados aumentam mais entre os 40-55 anos de idade do chefe, o incremento mais importante dos unipessoais apresenta-se a partir dos 65 anos de idade do chefe (Gráfico 3).

Ao separarmos os indivíduos maiores de 60 anos do total da população, encontramos uma distribuição bastante diferenciada de acordo com o tipo de domicílio onde eles residem (Gráficos 4 e 5).

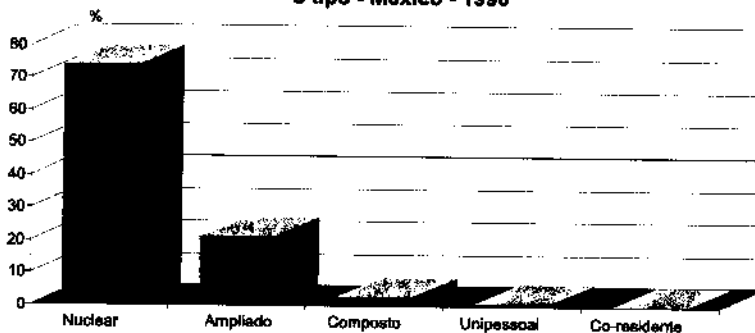
Os diferenciais coincidem com as mudanças observadas: como as principais mudanças ocorreram nos tipos ampliados e unipessoais, estas também são as unidades

Gráfico 3
Tipos de unidades domésticas, segundo a idade da pessoa de referência - 1990



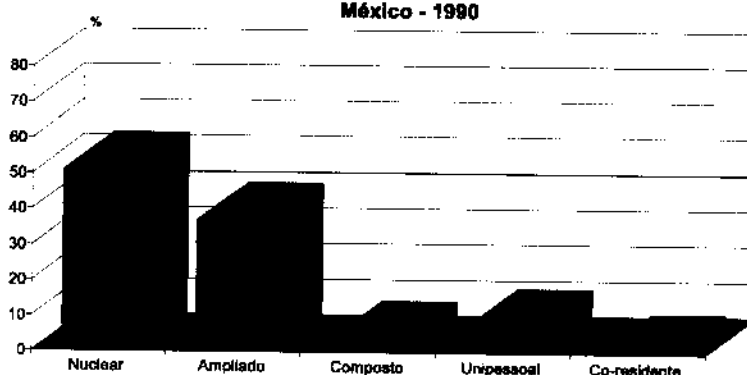
Fonte: Lopes e Izazola (1994).

Gráfico 4
População total nas unidades domésticas, segundo o tipo - México - 1990



Fonte: XI Censo Nacional de Población y Vivienda, México, 1990.

Gráfico 5
População maior de 60 anos de idade nas unidades domésticas, segundo o tipo de domicílio - México - 1990



Fonte: XI Censo Nacional de Población y Vivienda, México, 1990.

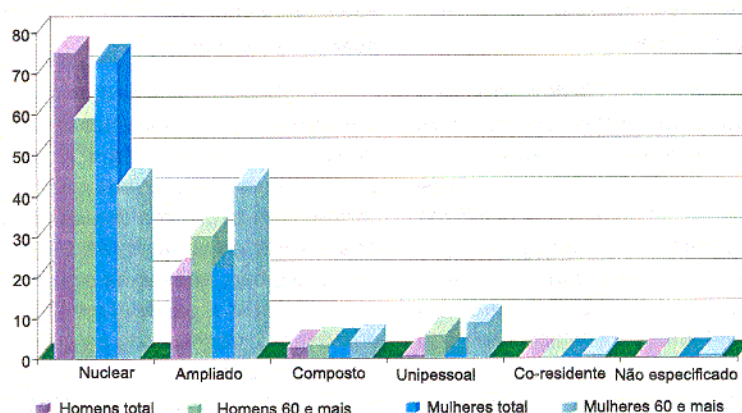
domésticas com maior concentração de indivíduos da terceira idade. De acordo com a maior sobrevivência feminina nestas idades, a maior diferença nesta distribuição observa-se entre as mulheres (Gráfico 6).

Por um lado, surge uma coincidência: as mudanças na estrutura das unidades domésticas mexicanas coincidem com a concentração dos maiores de 60 anos de idade nos tipos que vêm aumentando em maiores proporções. Por outro lado, este grupo populacional apresenta taxas de

crescimento duas vezes maiores que os demais grupos de idades. Portanto, deve-se esperar que, ao se inserirem nos arranjos de residência de uma maneira distinta do conjunto da população, os indivíduos da terceira idade alcançarão progressivamente uma importância maior nas mudanças que ocorrerem na distribuição, composição e estrutura familiares. Por este motivo, este artigo tenta aprofundar-se nas características destes indivíduos e nos tipos de unidades domésticas onde eles se inserem.

Gráfico 6

População total e população com 60 anos e mais de idade, por sexo e tipo de unidade doméstica - 1990



Fonte: Cálculos próprios, de acordo com as publicações do XI Censo Nacional de Población y Vivienda, México, 1990, vol. 4.

Nota: Homens total = % do total de homens;
 Mulheres total = % do total de mulheres por tipo de domicílio;
 Homens de 60 e mais = % de homens maiores de 60 anos;
 Mulheres de 60 e mais = % de mulheres maiores de 60 anos nos tipos de domicílio.

Formas de residência e indivíduos maiores de 60

Em 1990, o México contava com 4,9 milhões de indivíduos maiores de 60 anos de idade, distribuídos da seguinte forma: 99,5% residentes em domicílios particulares e 0,5% em domicílios coletivos. O grupo maior de 60 anos representa 6% do total da população residente em unidades domésticas e instituições.

Dos indivíduos maiores de 60 anos que vivem nas unidades domésticas, a metade deles reside em unidades domésticas nucleares e 37% em unidades domésticas ampliadas. Os menores grupos são os que residem em unidades domésticas unipessoais (7,4%), compostas (3,8%) e co-residentes (0,7%) (tabela 3).

Entre os indivíduos que residem em unidades domésticas particulares, a metade

Tabela 3
Formas de residência, por grupos de idade - 1990

Grupos de idade	Total	Nuclear	Ampliado	Unipessoal	Composto	Co-residente	Não especificado	Coletivo
Números absolutos								
60 a 64 anos	1 590 979	913 292	517 946	80 354	55 456	8 628	10 236	5 067
65 anos e mais	3 336 325	1 558 572	1 286 325	286 223	131 910	27 234	28 018	18 043
60 anos e mais	4 927 304	2 471 864	1 804 271	366 577	187 366	35 862	38 254	23 110
Percentual total	6,17	3,11	2,27	0,46	0,24	0,05	0,05	0,03
Números relativos (%)								
Percentual 60 anos e mais	100,00	50,17	36,62	7,44	3,80	0,73	0,78	0,47
60 a 64 anos	32,29	18,54	10,51	1,63	1,13	0,18	0,21	0,10
65 anos e mais	67,71	31,63	26,11	5,81	2,68	0,55	0,57	0,37

Fonte: Cálculos próprios, baseados nas publicações do XI Censo Nacional de Población y Vivienda, México, 1990, v. 4.

deles encontra-se em unidades domésticas nucleares e 37% em ampliadas. Os menores grupos são os que vivem em unidades domésticas unipessoais (7%), compostas (4%) e co-residentes (1%) (tabela 2).

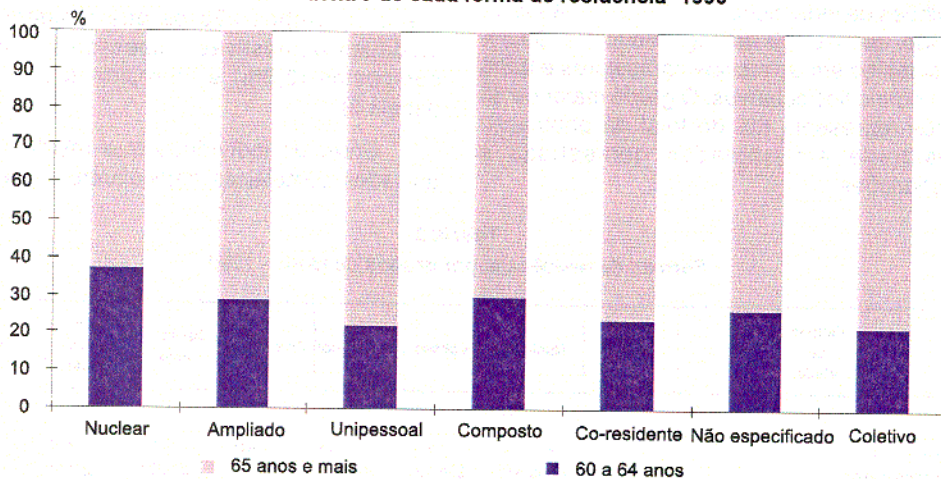
Chama a atenção que 7% dos indivíduos maiores de 60 anos vivam em famílias unipessoais, comparados com menos de 5% da população total que vivem neste tipo de domicílio. Apesar de as unidades domésticas nucleares abarcarem 50% de toda a população maior de 60 anos, ao analisarmos o peso relativo dos grupos de idades não tão avançadas (60-64 anos) em relação ao peso relativo dos de idades mais avançadas (65 anos e mais),⁷ encontramos que as unidades domésticas nucleares são as que contam com a menor presença relativa do último grupo, seguidas pelas unidades domésticas

ampliadas e compostas, ao passo que as unidades domésticas unipessoais e os domicílios coletivos são os que mais concentram estes indivíduos de idade mais avançada (Gráfico 7).

Como as fontes de dados não permitem comparar todas as características dos indivíduos que residem nos domicílios particulares e coletivos, os grupos que residem em cada uma destas condições são analisados em diferentes blocos. Em um primeiro bloco, analisa-se o grupo que reside em domicílios particulares ou unidades domésticas, destacando as que contam com a presença de pelo menos um indivíduo idoso, com o objetivo de estabelecer uma comparação. O segundo bloco, tratará da população residente nos domicílios coletivos, ou instituições.

Gráfico 7

Proporção de indivíduos de 60 a 64 anos de idade e maiores de 65 anos dentro de cada forma de residência -1990



Fonte: Cálculos próprios, de acordo com as publicações do XI Censo Nacional de Población y Vivienda, México, 1990, vol. 4.

⁷ As publicações do censo permitem apenas este nível de desagregação das idades avançadas.

Grau de parentesco e status do idoso nas unidades domésticas

A definição do parentesco familiar, tomando-se como ponto de partida a chefia da unidade doméstica, oferece a vantagem operacional de descrever os membros da família a partir de suas características socioeconômicas, o que não é possível tomando-se as famílias como um grupo de indivíduos. A desvantagem é que, em geral, ao se analisar as famílias, se estende a descrição das características do chefe para todos os seus parentes correlacionados. Ao contrário, a análise descritiva que se desenvolve neste artigo busca explorar a condição do chefe da unidade doméstica a partir de suas características socioeconômicas, por considerar que o chefe pode assumir responsabilidades diferenciadas em relação às dos outros membros da família.

A preocupação em identificar os tipos de renda que recebem os membros da unidade doméstica parte da idéia de que a condição socioeconômica fora da família está fortemente associada ao status e ao grau de parentesco que o indivíduo assume dentro da família. Se os indivíduos declaram a chefia e parentescos correlatos, principalmente com base na contribuição econômica que cada membro oferece para a unidade doméstica, como é o caso do México, os membros que contribuem para a renda familiar terão maior probabilidade de assumir o papel de chefe da família. Neste sentido, seria interessante identificar os grupos sociais e a relação que cada um deles estabelece com os recursos da família. Nos países em desenvolvimento, por exemplo, a maioria dos pais de família que alcançam a idade de aposentadoria não se retira do trabalho. Por outro lado, nos países desenvolvidos temos observado que os indivíduos de idades maiores podem assumir uma grande diversidade de papéis familiares e sociais dentro e fora da família de residência: podem trabalhar, ser pensionistas, viver sós, viver em família ou em instituições, etc. O conjunto destas características compõe sua condição ou status na família e na sociedade. Neste sentido, é de fundamental importância conhecer a relação de parentesco que o idoso assume com o chefe da sua

unidade doméstica, relação que pode depender mais do seu status econômico ou cultural

Nos estudos relativos à chefia da unidade doméstica, pode-se reproduzir uma contraposição entre estes dois âmbitos de status: a chefia econômica (aporte e suporte financeiro e de bens, inclusive de imóveis) e a de caráter cultural (autoridade baseada nos valores culturais como a idade, a experiência, apoio não material, entre outros). Com o objetivo de identificar os critérios utilizados pela população em relação à chefia da unidade doméstica, algumas pesquisas mexicanas mais recentes têm gerado perguntas específicas sobre o tema, observando-se que os critérios econômicos constituem o eixo central utilizado pelos declarantes (Hernández e Muñoz, 1997). Entretanto, faltaria discutir quais seriam os critérios utilizados para definir a chefia da unidade doméstica nas idades avançadas.

O caso do México: chefia e parentesco na terceira idade

No México, 18% dos domicílios têm a presença de pelo menos um indivíduo maior de 60 anos, somando 2,7 milhões de domicílios. Cerca de 70% deles vivem em famílias com núcleo conjugal completo (chefe com cônjuge, independente da situação dos filhos: se estes pertencem ao núcleo de referência ou se compõem o seu próprio núcleo) (López e Izazola, 1994).

Geralmente, se supõe que o status dos indivíduos da terceira idade na unidade doméstica caracteriza-se por uma situação de dependência, ou de "carga para a família". Entretanto, ao se analisar numericamente o parentesco destes indivíduos em relação ao chefe da unidade doméstica em ambos os países, destaca-se a sua situação de chefes da família e/ou de residentes em famílias unipessoais. Em números absolutos, a condição de dependentes do chefe restringir-se-ia a um grupo menor de cônjuges, pais/sogros ou outros parentescos com o chefe.

No México, o primeiro grupo de chefes e indivíduos que vivem sós somam quase 2,9 milhões (tabela 4). São 2,5 milhões de chefes,

representando 16,2% do total dos chefes do país. Os 366 587 indivíduos maiores de 60 anos que vivem em unidades unipessoais representam quase a metade do total da população que reside sozinha, porcentagem igual à observada em países desenvolvidos, segundo Young (1987).

Tabela 4
Indivíduos maiores de 60 anos de idade, segundo a relação com o chefe da unidade doméstica e porcentagem destes indivíduos em relação ao total de membros da categoria de parentesco - 1990

Relação com o chefe da unidade doméstica	Valor absoluto (1)	Valor relativo (%) (2)
Chefe	2 497 409	16,2
Sozinho	366 587	46,1
Pai ou sogro	528 287	77,6
Sem parentesco	64 780	9,7
Irmão ou cunhado	93 124	8,5
Cônjuge	992 024	8,0
Não especificado	134 578	6,9
Empregado doméstico	12 090	4,4
Outro	134 441	4,2
Genro ou nora	4 423	0,7
Filho	71 461	0,2

Fonte: Cálculos próprios a partir de publicações do XI Censo Nacional de Población y Vivienda, México, 1990, v. 4.

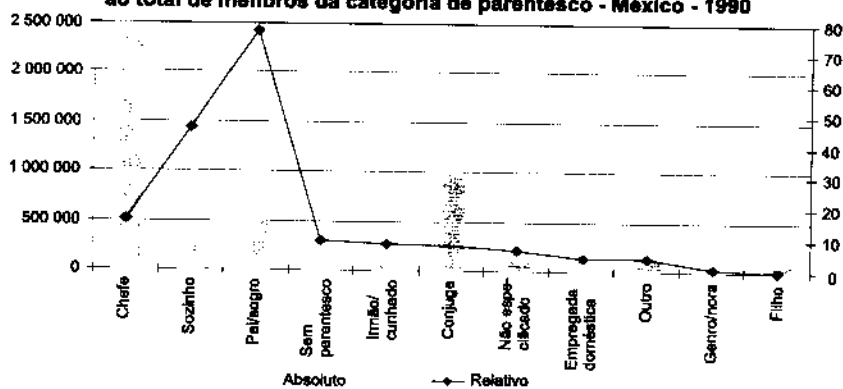
(1) Número de indivíduos maiores de 60 anos de idade dentro de cada categoria de parentesco. (2) Maiores de 60 anos de idade em relação ao grupo de todas as idades que comparte a mesma categoria de parentesco.

A porcentagem de chefes da terceira idade (16%) tem um peso relativo importante comparada às dos demais grupos de idades, superando as maiores porcentagens de chefia exercida por indivíduos de outros grupos de idades, como os de 30-34 anos (14% de todos os chefes), 35-39 anos (14%) e 25-29 anos (12%). Se separarmos as famílias dirigidas por mulheres, esta porcentagem aumenta até 21%, somando 625 473 chefes (López e Izazola, 1994).

No México, o segundo grupo de idosos, que supostamente se encontraria em uma situação de "parentes do chefe", soma cerca de 2 milhões de indivíduos, isto é, somente duas terças partes dos que são chefes. As maiores categorias de parentesco em números absolutos são os "cônjuges" e os "pais/sogros" do chefe da família. A seguir apresentam-se os "outros parentes", os "parentescos não especificados" e os "irmãos ou cunhados" do chefe.

Também é interessante uma análise do peso relativo dos maiores de 60 anos em cada categoria de parentesco: os pais ou sogros conformam um grupo quase exclusivo de maiores de 60 anos (quase 80% do total). A seguir, vêm os indivíduos maiores de 60 anos sem parentesco, irmãos/cunhados e cônjuges do chefe da família, que representam cerca de 10% do total de cada parentesco (Gráfico 8).

Gráfico 8
Indivíduos maiores de 60 anos de idade, segundo a relação com o chefe da unidade doméstica e porcentagem destes indivíduos em relação ao total de membros da categoria de parentesco - México - 1990



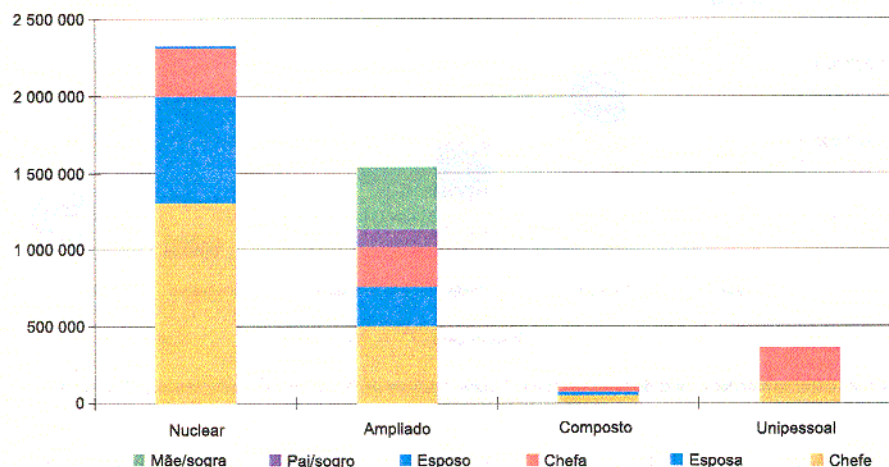
Fonte: Cálculos próprios, de acordo com as publicações do XI Censo Nacional de Población y Vivienda, México, 1990, vol. 4.

A chefia feminina na terceira idade

A chefia na terceira idade também está fortemente discriminada por sexo. No México, para este grupo de idades, especialmente nas unidades domésticas nucleares, a chefia masculina é mais de três vezes maior que a feminina, ao passo que nas unidades ampliadas e compostas é quase o dobro. Entretanto, nas unidades unipessoais as mulheres superam os homens, alcançando praticamente o dobro do número de chefes (Gráfico 9).

mesmas unidades, observamos que há menos esposas que chefes em cada tipo de família. Isto é, aparentemente faltariam esposas para estes chefes. A mortalidade não é uma explicação possível para este fato, porque inversamente ao comportamento observado, sobrevivem e enviúvam mais mulheres que homens. A nupcialidade seria o fator explicativo para esta diferenciação. Por um lado, a diferença de idades entre os cônjuges exclui as esposas mais jovens

Gráfico 9
Parentesco com o chefe da unidade doméstica - indivíduos maiores de 60 anos, segundo o tipo de unidade doméstica - México - 1990



Fonte: Cálculos próprios de acordo com as publicações do XI Censo Nacional de Población y Vivienda, México, 1990, vol. 4.

No Gráfico 9 pode-se comparar as áreas que correspondem à chefia feminina de unidades domésticas nucleares, ampliadas e unipessoais; em números absolutos, as mulheres chefes dos domicílios se distribuem quase uniformemente por estes tipos de unidades domésticas.

Equilíbrio entre os sexos, segundo o parentesco e tipo de unidade doméstica

Com base no gráfico anterior, se comparamos a coluna de esposas de unidades domésticas nucleares, ampliadas e compostas com a coluna de chefes das

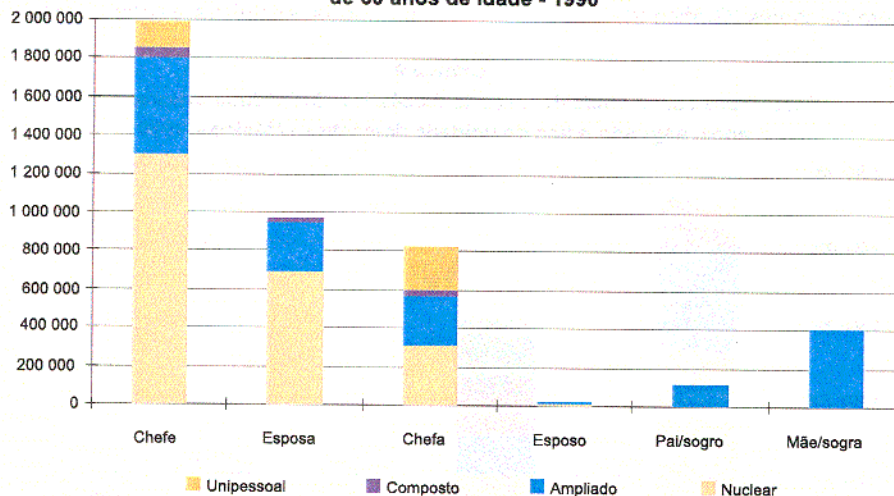
quando cortamos os dados aos 60 anos de idade. Por outro, as separações e divórcios têm sido mais freqüentes. Em último caso, provavelmente o homem da terceira idade permanece como chefe da unidade doméstica, qualquer que seja o seu estado civil, casando-se ou não pela segunda vez, ao passo que a mulher, ao deixar de ser cônjuge do chefe, devido à separação, divórcio ou viuvez, integraria um novo tipo de unidade doméstica: uma nova unidade unipessoal, no caso de residir sozinha, ou então uma nova unidade ampliada, no caso de residir com um dos seus filhos. No primeiro caso, a mulher seria a chefe ou uma pessoa

só. No segundo, provavelmente não seria a chefe da unidade doméstica, mas a mãe ou sogra do chefe.

De fato, estes são os dois tipos de arranjos que se caracterizam por uma presença feminina mais importante na terceira idade, de acordo com o Gráfico 10.

Mais uma vez pode-se observar o desequilíbrio entre os sexos em relação ao casal da terceira idade que reside em unidades nucleares e ampliadas. Enquanto as unidades nucleares concentram os homens, principalmente como chefes da terceira idade, as ampliadas caracterizam-se

Gráfico 10
Parentesco com o chefe da família, segundo o tipo de família - maiores de 60 anos de idade - 1990



Fonte: Cálculos próprios a partir de publicações do XI Censo Nacional de Población y Vivienda, México, 1990, vol. 4.

O primeiro grupo de mulheres da terceira idade é o de cônjuges, seguido de perto pelo de chefes, e logo depois pelas mães/sogras. Entretanto, ao identificar o tipo de família a que pertence cada parentesco, o primeiro grupo de mulheres se conforma por cônjuges de unidades domésticas nucleares, mas o segundo é o de mães/sogras de famílias ampliadas. A chefia feminina na terceira idade distribui-se quase por igual pelos três tipos de famílias: nucleares, ampliadas e unipessoais.

Os homens, ao contrário, concentram-se quase exclusivamente na categoria de chefes de unidades domésticas nucleares. A seguir, estão os chefes de unidades ampliadas e, com uma importância relativamente pequena, seguem os chefes de arranjos unipessoais ou pais/sogros.

pela presença de mulheres como mães/sogras, cônjuges ou ainda como chefes das unidades domésticas.

A renda das famílias com indivíduos da terceira idade

Mesmo que alguns estudos concluam que a chefia autodeclarada baseia-se principalmente em critérios econômicos, seria interessante observar como a população se comporta ao declarar a chefia nas idades avançadas. Tanto para a categoria de chefe da família como para as demais categorias de parentesco, seria importante identificar sua condição real de dependência ou independência econômica.

Segundo o Censo do México de 1990, 18% de todas as famílias mexicanas não

recebem renda.⁸ Entretanto, ao separarmos as famílias onde reside pelo menos um idoso, esta porcentagem se duplica e alcança 36% do total das famílias sem renda. Isto é, os idosos tendem a se concentrar nas famílias que não recebem renda originada do trabalho (López e Izazola, 1994). Ao contrário, existem 32% de unidades domésticas com renda de até dois salários mínimos. Mas nesta faixa de renda, quando estas unidades têm a presença de idosos, esta porcentagem diminui para 29%. Dentro do grupo que recebe até dois salários mínimos, 40% das unidades domésticas são do tipo nuclear, chefiadas por idosos (o tipo mais freqüente) e 30% são do tipo não-nucleares, também comandadas por idosos.

Outro indicador social importante é o setor de atividade dos chefes ocupados de idades avançadas. No México, a metade deles trabalha no setor primário e a outra metade trabalha por conta própria, sendo principalmente trabalhadores agrícolas e de empresas familiares. Entretanto, a atividade é uma característica de somente cerca de 30% dos indivíduos da terceira idade no país (Gomes, 1994). Por isso, a renda originada do trabalho não é o conceito mais adequado para avaliar o nível socioeconômico deste grupo, uma vez que as outras fontes de renda ganham menor importância na terceira idade, como as transferências formais e informais – aposentadorias, pensões, presentes, poupança e outras formas de acumulação de bens desenvolvidas por cada indivíduo no seu curso de vida.

No México, 90% das aposentadorias oferecidas pelo IMSS⁹ em 1994 correspondiam a um salário mínimo, e as oferecidas pelo ISSSTE,¹⁰ em sua maioria, correspondem a

1,5 salário mínimo (Gomes, 1994). Por outro lado, do total de aposentados, 67% vivem em famílias com renda familiar inferior a dois salários mínimos (López e Izazola, 1994).

Do ponto de vista cultural, o status familiar e a chefia da família definem, em parte, as fronteiras entre família e sociedade, porque estas também são medidas de status social. Por exemplo, o poder intergeracional nos sistemas de seguro social baseia-se no papel de "trabalhador", considerado pela legislação de seguro social como o "chefe da família", o único que tem direito a aposentar-se. A cônjuge e os filhos menores de idade (poucos cônjuges são do sexo masculino) adquirem o direito a uma pensão, quase sempre de menor monta e cobrada apenas posteriormente à morte do chefe. Isto é, as normas são estabelecidas com base nos compromissos monetários do chefe da unidade doméstica: a contribuição para o seguro. Só posteriormente à morte do chefe os dependentes podem cobrar benefícios sociais e financeiros. Desta forma, as normas culturais também podem reforçar os critérios e valores de caráter econômico predominantes na sociedade.

O segundo tema no estudo da chefia da unidade doméstica que merece um aprofundamento é o que envolve o papel e a temporalidade da chefia no curso de vida individual. No México, a opção pelo matrimônio continua sendo uma norma para a grande maioria da população (Tuirán, 1997). As unidades nucleares biparentais são amplamente majoritárias, apesar da crescente participação feminina no mercado de trabalho e da emergência de separações e divórcios. Neste contexto, a chefia masculina e o matrimônio são a combinação predominante.

⁸ Os censos mexicanos somente captam a renda originada do trabalho, mas não as outras fontes de renda, como a aposentadoria, aluguéis, etc.

⁹ O Instituto Mexicano de Seguridad Social (IMSS) é a maior instituição de seguridade social no México e oferece serviços de saúde, aposentadorias e pensões a todos os trabalhadores assalariados e com carteira assinada de empresas privadas, assim como a seus familiares dependentes.

¹⁰ O Instituto de Seguridad Social de los Servidores y Trabajadores del Estado (ISSSTE) oferece serviços de saúde, aposentadorias e pensões para todos os funcionários públicos e seus familiares dependentes. Como os salários destes trabalhadores são maiores que os dos trabalhadores de empresas privadas, suas aposentadorias e pensões também alcançam níveis um pouco mais elevados.

Entretanto, esta combinação ocorre numa parte do curso de vida, nas etapas definidas como de "formação" e "expansão" das unidades domésticas. A etapa final, de "dissolução" destas unidades, também dissocia o casal e pode gerar uma redefinição dos papéis de chefia na unidade doméstica.

De fato, nas análises sobre a chefia da unidade doméstica costuma-se utilizar a idade do chefe como uma forma de aproximação da etapa do ciclo de vida familiar que o grupo está atravessando. Com o avanço da transição demográfica observa-se uma tendência a aumentar a proporção de chefes de acordo com o aumento da idade. Entretanto, estas tendências são diferentes por sexo: entre os homens a chefia é alta desde os 25-29 anos e declina nas idades avançadas (Japão, Coréia e México), ao passo que, para as mulheres, a chefia é baixa nas idades menores e aumenta principalmente a partir dos 55-59 anos.

Algumas mudanças profundas que afetam esta inter-relação dentro da unidade doméstica envolvem mudanças no papel do status da mulher. O aumento da participação da mulher mexicana no mercado de trabalho é um dos mais importantes do Século XX e se reflete no aumento do número de unidades domésticas com dois contribuintes, assim como de unidades monoparentais chefiadas por mulheres. Entretanto, estas mudanças ocorrem em idades mais jovens para as mulheres e não coincidem com o incremento da chefia feminina nas idades avançadas. As mudanças demográficas, como a maior disponibilidade de casais sobrevivendo conjuntamente até a velhice e a postergação da viuvez feminina nas idades avançadas, são mudanças do âmbito demográfico que também influem nas crescentes taxas de chefia feminina observadas na atualidade mexicana.

Entretanto, a simples análise das taxas específicas de chefia de unidades domésticas por sexo distorcem alguns resultados do envelhecimento populacional, levando a um

aumento do tempo de sobrevivência conjunta dos casais. Enquanto o homem-chefe sobrevive mais, a mulher assume por mais tempo a condição de cônjuge na unidade doméstica, e por isso se posterga a sua condição de chefe, levando ao aparente aumento das taxas de chefia feminina. A maior incidência de chefia masculina antes das idades avançadas e sua declinação na velhice podem refletir uma tendência masculina de se mover para outras situações de parentesco depois da viuvez. Por outro lado, a maior incidência da chefia feminina na velhice refletiria a propensão da mulher a assumir a chefia depois da morte de seu marido.

Se, por um lado, as taxas específicas de chefia por sexo podem distorcer a temporalidade dos eventos demográficos, por outro lado, a simples distribuição da chefia por idades pode não tomar em conta os efeitos das mudanças demográficas sobre a conformação das unidades domésticas. A chefia é mais freqüente para as mulheres na velhice, quando estas podem ser chefes de famílias extensas, unipessoais, co-residentes, etc. Em cada um destes tipos familiares sua participação como chefe pode ser diversa. Por exemplo, como se observou no México, metade das unidades domésticas unipessoais são chefiadas por indivíduos maiores de 60 anos de idade, principalmente por mulheres. Além disso, mulheres que co-residem como mães ou sogras dos chefes de unidades extensas apresentam um peso relativo quase tão importante quanto as chefes de todos os tipos de unidades domésticas. Portanto, a condição de chefia e sua distribuição por sexo e idade varia de acordo com os tipos de arranjos familiares que vão se conformando ao final do curso de vida. Tais arranjos dependem, em grande parte, da sobrevivência conjunta de várias gerações. De um ponto de vista demográfico, nos arranjos familiares com presença de idosos, a sobrevivência dos filhos de indivíduos de idades avançadas é um dos indicadores da disponibilidade de parentes

para oferecer apoio na velhice, e por isso é incorporado como uma das variáveis explicativas do status do idoso na família (Saad, 1996). Portanto, os arranjos de residência com presença de idosos dependem também da condição em que eles chegam à velhice, em especial de suas opções nas etapas iniciais do seu curso de vida e da disponibilidade de suportes sociais e familiares na velhice, como os apoios monetários, institucionais e familiares.

Os idosos institucionalizados

Outro nível de análise para conhecer os efeitos da transição demográfica, em especial do processo de envelhecimento, são as investigações sobre a institucionalização na terceira idade. Não só no caso das unidades domésticas, mas também no âmbito institucional, Goody (1996) tem sistematizado importantes críticas em relação aos estudos que estabelecem uma divisão dual entre as sociedades, "privilegiando a Europa e primitivizando as regiões em desenvolvimento". Por exemplo: os contratos de aposentadorias e as provisões para apoiar a pobreza não dependem somente da existência (ou não) da co-residência em unidades domésticas. As instituições de assistência social e os contratos de retiro do trabalho existiram em muitas sociedades e em todas as épocas. A caridade existia inclusive na Europa antes da instalação da legislação elizabetana. Desta forma, a ausência, na atualidade, de instituições sociais dirigidas para oferecer apoios na velhice nos países em desenvolvimento não significa que exista uma menor preocupação dos pais de família com a poupança e com o seu cuidado futuro, na velhice. Nem a presença destes tipos de apoio deve ser considerada exclusiva da Europa Ocidental. Além disso, mesmo as instituições de caridade que surgiram na Europa não coincidem com o período imediatamente posterior à Revolução Industrial, tampouco tinham uma cobertura universal. Ao contrário, elas se restringiam

aos grupos mais pobres da sociedade, da mesma forma que as instituições de caridade que existiam nos sistemas Musulistas e Budistas

Com base nesta divisão dual, frequentemente se assume que a declinação da prevalência de unidades domésticas de co-residência multigeracional levará inevitavelmente a um aumento nas taxas de institucionalização na velhice, baseado no mito de que a modernização e a individualização levam necessariamente a um abandono do idoso na atualidade. Entretanto, mesmo nos países mais desenvolvidos, a institucionalização é o último recurso para a maioria das unidades domésticas que contam com indivíduos de idades avançadas. A grande maioria dos idosos – mais de 90% deles nos países desenvolvidos – vive em domicílios particulares e menos de 8% vivem em instituições. Apesar disso, Sumdstrom (1986) observa um incremento da população idosa institucionalizada nos países desenvolvidos. O autor calcula que a probabilidade de morte dos indivíduos maiores de 65 anos residentes em instituições aumentou de 20%, em 1938, para 38% em 1975. Por outro lado, a diminuição do número de indivíduos de idades avançadas que residem em domicílios particulares é resultado principalmente dos altos níveis de vida destes indivíduos nos países desenvolvidos, sejam eles casais ou idosos não unidos. Portanto, a terceira idade não implica obrigatoriamente um aumento da institucionalização.

Por outro lado, na maioria dos países em desenvolvimento as taxas de institucionalização são ainda mais baixas, situando-se entre 0,5% e 2% do total de indivíduos maiores de 65 anos (United Nations, 1987), índices observados inclusive no Brasil (Ramos, 1994).

A institucionalização opera como último recurso, associado principalmente com a viuvez ou com as incapacidades, e com a baixa disponibilidade de parentes "cuidadores".

De fato, a família é o principal provedor de suporte na velhice na maioria dos países, independente do seu nível de desenvolvimento. Entretanto, fenômenos como a migração e a crescente participação da mulher no mercado de trabalho, alguns dos fatores que restringem a disponibilidade de membros da família para oferecer cuidados aos anciãos, permitem questionar a possibilidade de que a família possa continuar assumindo este papel de suporte. Estas limitações são especialmente preocupantes nos países em desenvolvimento, nos quais a maioria dos idosos não dispõe de serviços de saúde, aposentadoria e pensões capazes de aliviar as pressões em termos de cuidado e tempo da família, e onde se está alcançando a última etapa da transição demográfica, fato que implicará aumentos progressivos das demandas sociais relativas à velhice.

Os idosos residentes nos domicílios coletivos no México

No México, a população que reside nos domicílios coletivos¹¹ parece insignificante, representando somente 0,5% do total da população que vive em domicílios particulares e somando 359 668 indivíduos. Entretanto, num momento em que o país caminha para a última etapa da transição demográfica e se encontra em um iminente processo de envelhecimento populacional, esta população merece atenção especial, inclusive porque se trata de um grupo um pouco mais envelhecido que o conjunto da população mexicana;

enquanto, nos domicílios particulares, os indivíduos maiores de 60 anos de idade representam 6,2% da população, nos coletivos eles alcançam 6,4%, isto é, trata-se de um grupo ligeiramente mais envelhecido.

O conjunto da população residente nos domicílios coletivos

A população residente em domicílios coletivos, ou população institucionalizada, se distribui da seguinte maneira: uma quarta parte encontra-se nos cárceres (24%) e porcentagens menores residem nos quartéis (13%), hotéis (11%), internatos escolares¹² (11%), conventos e mosteiros (9%), asilos/orfanatos¹³ (9%) e acampamentos no local de trabalho¹⁴ (8%). Uma porcentagem muito baixa vive em hospitais (3%) ou em pensões¹⁵ (3%). Dentro dos asilos/orfanatos a população é majoritariamente idosa (85%).

De acordo com os objetivos destas instituições, percebe-se que a população institucionalizada é composta basicamente por adultos. Este dado coincide com a demonstração de Uhlenberg (1978) para os Estados Unidos, onde a declinação da mortalidade de adultos jovens leva a uma maior sobrevivência dos casais até as idades adultas mais avançadas e, portanto, ao desaparecimento da figura das crianças órfãs.

Isto significa que as mudanças na estrutura de idades se manifesta também na estrutura de idades da população institucionalizada. Ao classificar as instituições de acordo com seus objetivos, a população institucionalizada concentra-se principalmente

¹¹ Domicílio coletivo é aquele destinado a servir como alojamento habitual para pessoas sujeitas a uma subordinação de caráter administrativo e obrigadas a cumprir com normas de convivência por estarem relacionadas através de um objetivo político ou algum interesse pessoal comum, como motivos de saúde, disciplina, ordem, ensino, religião, trabalho, alojamento ou assistência social. Somente se entrevistam as pessoas que sejam residentes habituais, que vivam normalmente nestes domicílios e aquelas que indiquem que não têm outro lugar de residência (INEGI, 1990).

¹² Domicílios que proporcionam alojamento a grupos de pessoas por motivos de educação: internatos escolares, residência estudantil e residência médica.

¹³ Instituições que proporcionam alojamento a grupos de pessoas por razões de assistência social ou educação: orfanatos, hospícios, asilos, etc.

¹⁴ Domicílios que oferecem alojamento a pessoas por razões de trabalho: acampamentos de trabalho, barracas de trabalhadores, plataformas petrolíferas, entre outras.

¹⁵ As pensões, casas de hóspedes e casas de assistência oferecem alojamento por preços modestos

nos órgãos de segurança pública (37% nos cárceres e quartéis). As instituições seguintes, em ordem de importância, são: as de saúde e assistência social (15% em asilos, orfanatos, pensões e hospitais), as de formação profissional e religiosa (11%) e os acampamentos em locais de trabalho (8%). Finalmente, os hotéis, com fins lucrativos, também contêm uma porcentagem pequena desta população (11%).

Em relação à distribuição territorial, as instituições concentram-se mais na cidade do México, mas sua distribuição pelos demais estados do país não segue a lógica do nível de desenvolvimento socioeconômico ou do tamanho da população estadual.

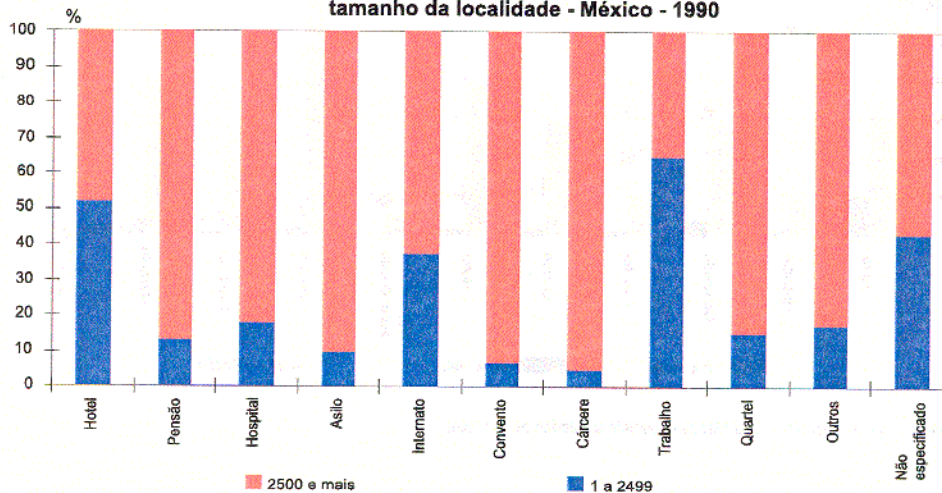
No que se refere à função social das instituições de residência, os cárceres são os primeiros concentradores populacionais em todos os estados do país. Entretanto, nos estados da fronteira Norte (com os Estados Unidos), que em geral apresentam um maior nível de desenvolvimento, o segundo e terceiro lugares são ocupados pelos acampamentos de trabalho e pela assistência social (asilos e orfanatos), respectivamente.

O único lugar em que a assistência social ocupa o segundo lugar é a Cidade do México. Mas, ao contrário do esperado, os hotéis ocupam o segundo lugar nos estados do Sul do país, em especial nos estados de menor nível de desenvolvimento. Esta observação não indica que estas populações prefiram ou tenham maiores oportunidades para viver em hotéis. Ao contrário, sugere que existe uma deficiente oferta de instituições de assistência social nos Estados de Chiapas, Guerrero, Oaxaca e, inclusive, no Estado do México.

Da mesma forma, ao utilizarmos o critério do tamanho da localidade como indicador do nível de desenvolvimento, encontramos resultados similares. As instituições mais concentradoras de população nas localidades com mais de 2 500 habitantes são também os cárceres, seguidos dos conventos, asilos, pensões e hospitais. Ao contrário, nas localidades com menos de 2 500 habitantes a população concentra-se mais nos locais de trabalho, hotéis e internatos escolares, reforçando a idéia da deficiente presença das instituições de saúde e assistência social nas regiões menos desenvolvidas.

Gráfico 11

População residente em instituições, segundo o tipo de instituição e o tamanho da localidade - México - 1990



Fonte: XI Censo Demográfico 1990 (dados especiais tabulados pelo INEGI).

A institucionalização na terceira idade

A distribuição da população institucionalizada de todas as idades distingue-se claramente da distribuição do grupo de indivíduos maiores de 60 anos que reside nas instituições. Os indivíduos da terceira idade, em vez de se concentrarem nos cárceres e quartéis, distribuem-se principalmente pelos asilos, conventos e hospitais (Gráfico 12).

Este fato pode ser observado mais claramente ao construirmos uma razão de dependência cujo numerador é o número de indivíduos maiores de 60 anos e o denominador, o total da população institucionalizada (Gráfico 12).

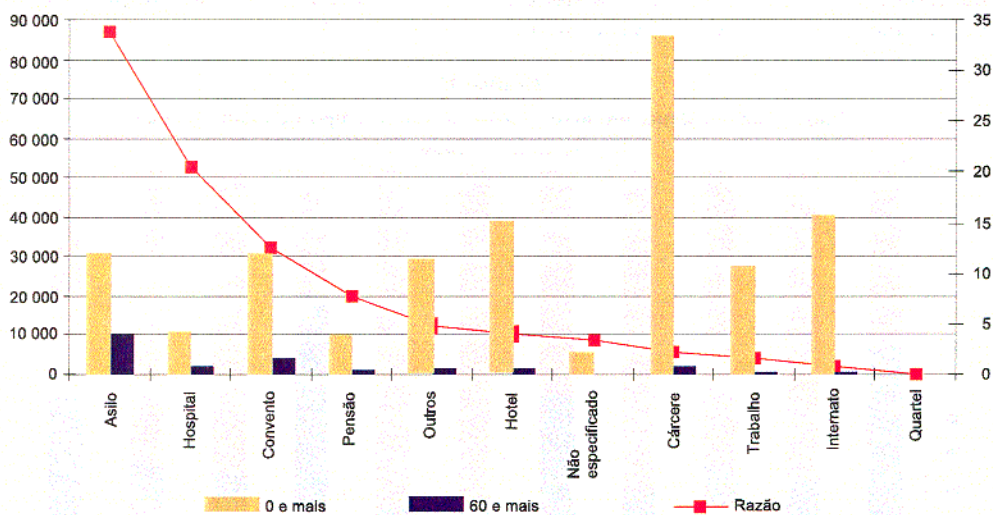
A classificação de acordo com os objetivos destas instituições permite observar

uma maior dependência desta população em relação aos órgãos de assistência social, na medida em que na categoria das pensões incluem-se as casas de assistência, que também cumprem esta função. A metade dos indivíduos da terceira idade que se encontram institucionalizados residem em asilos (45%), em conventos e mosteiros (17%), em hospitais (10%), nos cárceres (7%), em hotéis (7%) em outras¹⁶ (6%) ou em pensões (3%).

As mulheres são amplamente maioritárias, especialmente nos asilos, conventos e hospitais. Mesmo que os homens superem as mulheres nos cárceres, hotéis e acampamentos de trabalho, deve-se considerar que estes lugares alojam um número muito pequeno de indivíduos da terceira idade (Gráfico 13).

Gráfico 12

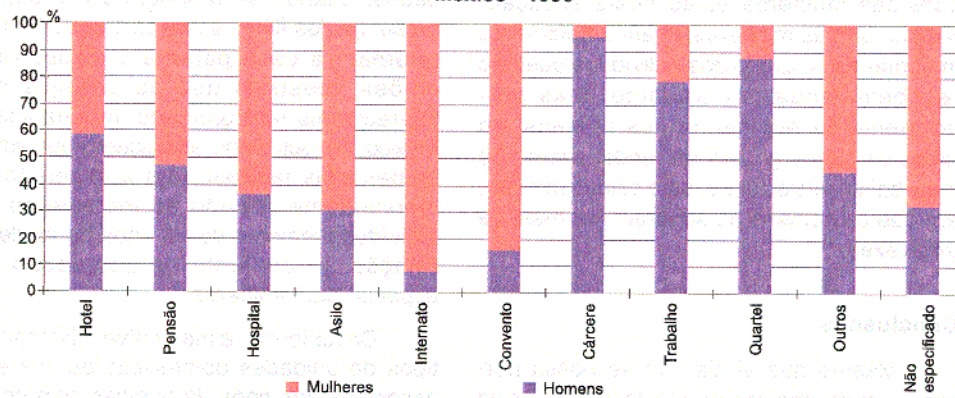
Indivíduos residentes em instituições, segundo o tipo de instituição, população total, população maior de 60 anos de idade, em números absolutos e razão de dependência, em números relativos - México - 1990



Fonte: Censo Demográfico 1990 (dados especiais tabulados pelo INEGI).

¹⁶ Prostíbulos, etc....

Gráfico 13
Proporção de homens e mulheres maiores de 60 anos de idade residentes em instituições, segundo o tipo de instituição
México - 1990



Fonte: XI Censo Nacional de Población y Vivienda, México, 1990 (dados especiais tabulados pelo INEGI).

A renda dos indivíduos maiores de 60 anos de idade nos domicílios coletivos

O nível de renda originada do trabalho, único dado coletado pelos censos mexicanos, também indica que o tamanho da localidade pode ser um importante discriminador das condições de vida na terceira idade, inclusive para os indivíduos institucionalizados. Uma quarta parte dos indivíduos maiores de 60 anos institucionalizados se autodeclara como ocupada, um nível de atividade próximo ao dos idosos que residem em domicílios particulares (Gomes, 1994). A condição de ocupação não discrimina os diferentes sexos, isto é, praticamente a mesma porcentagem de homens e mulheres nestas condições declara estar ocupada. O fator discriminante por sexo mais importante é a remuneração recebida em troca do trabalho: 28% dos idosos ocupados não recebem remuneração, sendo 20% deles mulheres e somente 8% homens, ou seja, as mulheres representam mais de dois terços dos idosos que trabalham e não são remunerados.

Os outros 72% de idosos que trabalham são remunerados, mas na maioria dos casos recebem menos de dois salários mínimos (66%), somente 10% recebem entre dois e três salários, 10% recebem entre três e cinco salários, e apenas 5% deles cobram mais de

cinco salários mínimos. Tomando-se em conta somente o salário individual originado do trabalho, os maiores de 60 anos de idade institucionalizados não se encontram em níveis altos de estratificação social. Entretanto, outra vez se reitera que o trabalho como fonte de renda na terceira idade, da maneira como é captada nos censos mexicanos, é insuficiente para avaliar tanto a renda total como as condições materiais de existência deste grupo de idades, que costuma receber rendas originadas de outras fontes.

Áreas rural e urbana

O padrão de distribuição da renda originada do trabalho entre os idosos institucionalizados reflete o padrão observado para o mesmo grupo que reside em áreas urbanas, onde também predomina a ocupação sem remuneração, além de um grande número de idosos que recebe entre um e dois salários mínimos. Entretanto, o grupo que recebe entre dois e cinco salários mínimos ganha maior importância nas áreas urbanas. Ao contrário, nas regiões menos urbanizadas, apenas 18% dos idosos não recebem renda por seu trabalho. O número de idosos ocupados que recebem remuneração é sempre superior em relação ao número de idosos sem nenhuma fonte de renda originada do trabalho.

Em relação ao sexo, 18% dos homens maiores de 60 anos institucionalizados e ocupados não recebem renda, ao passo que 45% das mulheres estão nesta situação. Mesmo que as mulheres sejam amplamente majoritárias no grupo dos indivíduos que não recebem renda por trabalho, elas praticamente se equiparam aos homens em todos os outros grupos de renda, exceto no mais baixo: entre zero e meio salário mínimo, em que os homens as superam em mais de três vezes.

Conclusões

Mesmo que ainda não se possa perceber um volume importante de indivíduos da terceira idade residindo em instituições, os dados não permitem afirmar que não exista uma demanda por este tipo de residência para o grupo de idades mais avançadas. Ao contrário, estes dados sugerem a existência de limitações para a oferta de tais instituições no México, especialmente nas regiões menos desenvolvidas do país. Este fato ganha maior importância quando se observa que os indivíduos que recorrem à institucionalização são de níveis socioeconômicos mais baixos, indicando que suas famílias não têm conseguido operar como espaço de apoio e suporte na medida de suas necessidades.

Por outro lado, o processo inicial de envelhecimento da população mexicana parece estar tendo um impacto mais direto sobre o perfil de distribuição dos domicílios particulares. As mudanças percebidas na distribuição populacional, em paralelo às mudanças na composição das unidades domésticas, são coincidentes com os fenômenos associados à maior sobrevivência de pais e filhos adultos, tais como: os aumentos da esperança de vida a partir dos 60 anos de idade e os novos hábitos de residência que

caracterizam o envelhecimento populacional em outros países nos quais este processo se encontra mais avançado. As fontes de dados, quando se propõem a identificar a presença dos filhos solteiros e dos filhos que retornam à casa paterna por ruptura de uniões, mostram que os arranjos multigeracionais têm ganhado importância no México. Por outro lado, as unidades domésticas unipessoais também têm aumentado numericamente, devido ao incremento dos indivíduos maiores de 60 anos de idade em relação ao conjunto da população, em especial das mulheres.

Desta forma, a maior diversificação dos tipos de unidades domésticas parece estar associada aos tipos de famílias com chefes e com outros membros da terceira idade, e também parece refletir a maior sobrevivência feminina observada neste grupo de idades. Este dado também indica que, à medida que as gerações nascidas nos regimes de altas mortalidade e fecundidade alcancem os 60 anos de idade, podem-se esperar maiores e mais importantes mudanças na distribuição, estrutura e composição das famílias mexicanas. Isto ocorre, principalmente, diante da baixa cobertura das aposentadorias e pensões para substituir a renda na terceira idade.

Em relação à renda, reafirma-se a necessidade de explorar as pesquisas de orçamento familiar para uma melhor aproximação das condições materiais de existência dos indivíduos da terceira idade, assim como dos domicílios em que eles residem. De qualquer forma, a persistência de uma quarta parte dos indivíduos da terceira idade institucionalizada que declara receber renda originada do trabalho, em geral remunerados com menos de dois salários mínimos, sugere que este grupo não apresenta melhores condições materiais de existência, comparado com os indivíduos da terceira idade residentes em domicílios particulares.

Bibliografía

- CENSO Demográfico 1990. Publicaciones y tabulaciones especiales. México: Instituto Nacional de Estadística, Geografía e Informática, 1991.
- CONSECUENCIAS de las tendencias y diferenciales de la mortalidad. Nova York: United Nations, 1987.
- GOLDANI, A. M. Estrutura familiar e transição demográfica: o caso do Brasil. In: CONGRESO LATINOAMERICANO DE POBLACIÓN Y DESARROLLO, 1983. México. *Anais...* México: El Colegio de México, 1984.
- GOMES, M. C. *Seguridad social y envejecimiento: la crisis vecina*. México, 1992. Tesis (Maestría en Población) - Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales. Sede Académica de México, 1994.
- _____. *Dinámica demográfica, familias e instituciones, un estudio comparativo: Brasil y México, con énfasis en la situación de la Tercera Edad*. México, 1997. Tesis (Doctorado) - El Colegio de México, 1997.
- GOODY, J. Comparing family systems in Europe and Asia. *Population and Development Review*, New York, v. 22, n. 1, p. 1-20, 1996.
- HERNÁNDEZ, D., M., Patricia E. Qué es un jefe de hogar? *Revista Sociológica*, México, v. 2, n. 32, p. 13-35, set./dic. 1996.
- JELÍN, E. *Familia y unidad doméstica: mundo público y vida privada*. Buenos Aires: CEDES, 1984.
- KUIJSTEN, A. C. Changing family patterns in Europe: a case of divergence? *European Journal of Population*, n. 12, p. 115-143, 1996.
- LASLETT, P., WALL, R. *Household and family in past time, comparative studies in the size and structure of the domestic group over the last three centuries in England, France, Serbia, Japan and colonial North America, with further materials from Western Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 1972.
- LÓPEZ B., M. de la Paz, IZAZOLA, H. *El perfil censal de los hogares y las familias en México*. Monografías censales. México: Instituto Nacional de Estadística, Geografía e Informática, 1994.
- OJEDA, N., GONZÁLES, R. S. Divorcio y separación en México: un análisis comparativo. In: REUNIÓN NACIONAL SOBRE LA INVESTIGACIÓN DEMOGRÁFICA EN MÉXICO 4., 1990. *Memórias*. [S.l.]: INEGI/SONEDE, 1990. t. 2.
- RAMOS, L. R. Family support for the elderly in Latin-American: un análisis comparativo. In: UNITED NATIONS INTERNATIONAL CONFERENCE ON AGEING POPULATIONS IN THE CONTEXT OF THE FAMILY, 1990, Kitakyushu (Japão). *Proceedings...* New York: United Nations, 1994. 238 p.
- SAAD, P. M. Living arrangements of the elderly in Northeast and Southeast/Brazil, 1980. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 10., 1996, Caxambu. *Anais...* Belo Horizonte: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 1996. v. 4.
- TUIRÁN, Rodolfo. Vivir en familia: hogares y estructura familiar en México 1976-1987. *Revista de Comercio Exterior*, México, v. 43, n. 7, p. 662-676, jul. 1993.
- _____. *Las trayectorias de vida familiar en México: una perspectiva histórica*. México: CEDDU: El Colegio de México, 1996. Mimeogr.
- _____. *Family-related life course patterns in México: a long-term perspective*. Austin: University of Texas at Austin, 1997. Mimeogr.
- UHLBERG, P. Cohort variations in family life cycle experiences of U.S. females. *Journal of Marriage and Family*, v. 36, 1969.
- _____. Changing configurations of the life course. In: HAREVEN, T. (Ed.). *Transitions: the family and life course in historical perspective*. Nova York: Academic Press, 1978.
- YOUNG, C. M. El ciclo de la vida residencial: efectos de la mortalidad y la morbilidad sobre la organización de la vida. In: CONSECUENCIAS de las tendencias y diferenciales de la mortalidad. Nova York: United Nations, 1987.

Resumo

Esse artigo busca, a partir do conceito de reprodução social, refletir sobre quais poderiam ser os efeitos da entrada dos países em desenvolvimento na etapa final da transição demográfica. Discute-se especialmente o impacto ainda incipiente do processo de envelhecimento populacional sobre a organização das unidades domésticas e as condições atuais das instituições residenciais e de seguro social para receber as coortes numerosas de indivíduos que proximoamente entrarão na terceira idade, tomando como referência o caso do México.

Busca-se identificar os diferentes grupos sociais e a relação que cada um deles estabelece com os recursos da família, com os recursos institucionais e com o mercado de trabalho. Dentro deste contexto de heterogeneidade social resgatam-se as diferenças de gênero que caracterizam este grupo etário, analisando a diversidade de papéis familiares e sociais que os homens e mulheres da terceira idade assumem dentro e fora da família de residência, ou seja, o conjunto de características que compõem sua condição ou status na família e na sociedade. Adotam-se as relações de parentesco dentro das unidades domésticas, o status econômico, a composição e estrutura das unidades domésticas, como indicadores de parentesco e sociais. Por outro lado, comparam-se alguns indicadores de apoio institucional presentes no México, como os asilos e a seguridade social, com outros países.

Na relação entre envelhecimento, família e sociedade destaca-se o papel da temporalidade da transição demográfica sobre o curso de vida tanto dos indivíduos como das famílias: a maior sobrevivência impacta tanto o tamanho como a composição e estrutura das unidades domésticas, especialmente nas etapas finais do ciclo de vida familiar, quando os casais sobrevivem até a terceira idade e posteriormente se dissolvem por viuvez. Nesta etapa redefinem-se os papéis de chefia, o tamanho e a estrutura da unidade doméstica, de acordo com as diferenças de gênero reproduzidas tanto demográfica como socialmente.

Abstract

In this article we use the social reproduction concept to reveal the effects of the demographic transition last phase in development countries. We discuss especially the initial impact of the ageing process on the domestic units organization and social security institutions. These institutions will receive in the next years the numerous cohorts of individuals who are coming in the third age in Mexico.

We search the different social groups in third age, their relation with the labour market, the family and institutional resources. There are gender differences that characterize this age group into this heterogeneous context, because men and women assume different social roles into and out the family. As parental and social indicators we adopt parental relations, economic status, composition and structure of the domestic units. On the other hand, we compare with other countries the institutional support in Mexico, as the asylum and social security.

Temporality of the individual and family life course is an important concern in the relation between ageing, family and society. The high life expectancy impacts the size, composition and structure of the domestic units, especially in the last phase of their life cycle. Couples survive although the third age and then dissolve mainly because the widowhood. In this step the head's roles, the size and structure of the domestic units are redefined according the gender differences reproduced demographical and socially.